

MÁTHESIS 10 2001 155-187

A ALMA E O CORPO EM FRAGMENTOS DE SAFO

Traduções e Adaptações

MANUEL PULQUÉRIO
(Universidade Católica Portuguesa
- Faculdade de Letras)

Introdução

A biografia de Safo parece definitivamente ancorada em enigmas, mas, no meio de tantas posições contrastantes, é tempo de reconhecer que a única fonte legítima para o conhecimento da vida da poetisa são os seus poemas. A estes, reduzidos na sua quase totalidade a fragmentos, tem a investigação somado novos fragmentos que, para nossa tranquilidade, apenas vieram confirmar aquilo que, com bastante segurança, já se conhecia. As especulações tiveram decididamente a sua época...

Do pouco que sabemos sobre a vida de Safo podemos extrair que teve dois irmãos, Larico e Cárax, alvo das suas constantes preocupações; que teve uma filha, Cleide, que ela devia considerar o seu mais belo poema; que teve ainda riqueza de afectos suficiente para se dedicar, de alma e coração, a várias jovens que viviam na sua esfera social. Associação cultural? Academia de raparigas, presidida por Safo? Não sabemos. Mas os seus versos revelam uma ligação afectiva profunda com estas jovens, unidas à poetisa por um ideal de arte e de beleza.

O ambiente de Lesbos, em finais do séc. VII a. C., teve características irrepetíveis. Vista por Safo, esta ilha do Egeu não estava longe de um paraíso de flores, de águas correntes orladas de árvores, que Safo diz refúgio dos sonhos, de estátuas heróicas, de templos em que conviviam harmoniosamente o marfim e o ouro. Não admira que nesta atmosfera de aromas e de luz pudessem respirar os próprios deuses: Afrodite vinha frequentemente participar nesta festa dos sentidos, deixando-se guiar, sem assomos naturais de soberba divina, pela mão da poetisa.

Entretanto a língua grega parecia reinventada em Lesbos. A ausência de aspiração no início das palavras, superando o contraste geral dos “espíritos” (espírito brando – espírito áspero); a gemação

frequente das consoantes líquidas ou nasais, que parecia directamente derivada das necessidades do canto; a fluidez incomparável dos ritmos, que se traduzia na métrica nova, criada pelos poetas; tudo, neste dialecto, parecia talhado para a poesia. E a poesia em Safo está ao serviço da expressão dum mundo de sentimentos, desde o êxtase da paixão amorosa e da ternura da vida familiar à ironia, à revolta e à ira, mas é o amor que constitui a fonte principal da sua inspiração.

Nada se sabe de concreto sobre a vida amorosa de Safo, mas há um depoimento sobre ela que vale a pena recordar. Fê-lo um grande poeta, Alceu, seu contemporâneo e seu amigo:

“Pura Safo, do sorriso de mel e tranças de violetas.”

Entretanto a lenda apoderou-se da vida da poetisa. Recorde-se, por exemplo, o que se disse sobre a sua paixão por um jovem de nome Fáon. Ao sentir-se rejeitada por ele, Safo busca alívio na morte, lançando-se ao mar do alto da rocha de Lêucade. Discute-se a identidade deste jovem que uns consideram um deus da vegetação, outros um barqueiro, amado por Afrodite. Por razões, certamente do foro íntimo, a deusa transformou-o em alface! Estamos, portanto, em pleno domínio da imaginação.

Mas o que fica para além de todas as controvérsias, é que Safo representa um momento da poesia lírica grega que ficou assinalado como uma etapa decisiva da construção da poesia europeia.

Nota: A numeração dos fragmentos é de Diehl, Page (*Lyrica Graeca Selecta*, 1989) e de Reinach-Puech.

Tentou-se que a tradução dos textos fosse o mais possível fiel ao original.

As adaptações, que respeitam sempre o espírito dos textos de Safo, foram feitas com maior ou menor liberdade e constituem, à sua maneira, uma forma de interpretação dos originais.

Traduções e Adaptações

I

O Ciúme

φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
 ἔμμεν' ὤνηρ, ὅττις ἐνάντιός τοι
 ἰσδάνει καὶ πλάσιον ἄδω φωνεί-
 σας ὑπακούει

καὶ γελαίσας ἱμέροεν, τό μ' ἦ μάν
 καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·
 ὥς γὰρ ἔς σ' ἴδω βρόχε', ὥς με φώναι-
 σ' οὐδ' ἐν ἔτ' εἴκει,

ἀλλ' ἄκαν μὲν γλῶσσα † ἔαγε †, λέπτον
 δ' αὐτίκα χρώϊ πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,
 ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημ', ἐπιρρόμ-
 βεισι δ' ἄκουαι,

καὶ δέ μ' ἴδρωσ ψυχρὸς ἔχει, τρόμος δέ
 παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δέ ποίας
 ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω ἴπιδεύης
 φαίνομ' ἔμ' αὐτ[αι].

ἀλλὰ πὰν τόλματον, ἐπεὶ † καὶ πένητα†

(fr. 2 D)

Tradução

Parece-me ser igual aos deuses esse homem que, sentado na tua frente, te ouve de perto falar docemente e rir de maneira encantadora, o que me faz saltar o coração no peito. Pois, quando te olho por um momento, já não sou capaz de dizer nada, a minha língua silenciosamente gela e imediatamente um fogo subtil corre sob a minha pele. Deixo, subitamente, de ver, os meus ouvidos zunem e um suor frio cobre o meu corpo, dominado por intenso tremor. Fico então mais verde do que a erva e pareço pouco distante de morrer.

Mas tudo se deve suportar, porque...

Comentário

Este poema tem sido considerado o texto mais famoso da poesia europeia. As traduções e imitações de que foi objecto ao longo dos séculos são incontáveis e testemunham a admiração geral por uma espécie de milagre poético, realizado no séc. VII a. C. por uma mulher nascida em Lesbos, algures no Egeu.

Corpo e alma confundem-se na expressão concentrada dos sintomas agudos da paixão. A linguagem é directa; os sentimentos materializam-se sem o recurso a metáforas ou a comparações. Bowra falou da poetisa dos sentidos infalíveis. Este poema é intensamente puro.

Adaptação

Só hoje sei o que é ser deus... Quem é esse homem que está sentado na tua frente enquanto tu falas descuidada e ris de maneira encantadora? O meu coração bate-me descontroladamente no peito e eu pergunto-me, tentando sondar este mistério:

Que se passa comigo, se, de repente, me vejo a habitar um mundo deserto, se os meus ouvidos parecem feitos de zumbidos e os meus olhos já não servem para ver, se a própria boca indomável das palavras emudeceu?

Como entender este tremor louco sem febre, este gelo que me inteiriça os membros a par deste fogo que pega na caruma interior das minhas veias, este ficar mais verde do que a erva, esta proximidade constante de morrer?

Dizem que tudo se deve suportar. Mas para quê?

II

Reencontro

ταῖσι <δὲ> ψυχρὸς μὲν ἔγεντ' ὁ θυμὸς,
παρ δ' ἴεισι τὰ πτέρω.

(fr. 13 D)

Tradução

O seu coração arrefece e deixam tombar as asas...

Comentário

Para além dos encontros e dos desencontros do Amor, talvez Safo aspire a um reencontro nas “margens floridas de lótus, húmidas de orvalho, do Aqueronte”. O amor e a Morte entrelaçam-se na grinalda dos versos da poetisa. Já não é Afrodite, mas Hades o deus do amor.

Adaptação

Quando te perdi, as flores sentiram parar o seu coração e deixaram cair as pétalas...

Quando eu também morrer, serei como a pomba que não deixará pender as asas para poder voar para ti.

III

Convite à Deusa

δεῦρὺ μ' ἐκ Κρήτας ἐπ[ι τόνδ]ε ναῦον
 ἄγνον, ὅππ[αι τοι] χάριεν μὲν ἄλσος
 μαλί[αν], βῶμοι δὲ τεθυμιάμε-
 νοι [λι]βανώτῳ,

ἐν δ' ὕδωρ ψῦχρον κελάδει δι' ὕδων
 μαλίνων, βρόδοισι δὲ παῖς ὁ χῶρος
 ἐσκίαστ', αἰθυσσομένων δὲ φύλλων
 κῶμα κατέρρει,

ἐν δὲ λείμων ἱππόβοτος τέθαλεν
 ἡρίνοισιν ἄνθουσιν, αἱ δ' ἄηται
 μέλλιχα πνέουσιν []
 []

ἔνθα δὴ σὺ στέμ<ματ'> ἔλοισα Κύπρι
 χρυσίαισιν ἐν κυλίκεσσιν ἄβρωτος
 ὁμ<με>μείχμενον θαλίαισι νέκταρ
 οἰνοχόαισον

(fr. 30 D)

Tradução

Vem de Creta até mim para este santo templo, onde encontrarás um agradável bosque de macieiras e altares fumegantes de incenso.

Nele a água fria ressoa por entre os ramos das macieiras, todo o lugar está sombreado de rosas e das folhas trémulas desce, mágico, o sono.

Há também um prado onde pastam cavalos, coberto de flores de primavera, e as brisas sopram docemente...

Aqui, Cípris, depois de entreteceres grinaldas, deita graciosamente em taças de ouro néctar misturado à nossa festa.

Comentário

É um bosque real ou um bosque de fábula? Será o jardim das Hespérides, as Ninfas do Poente, que tinham à sua guarda as maçãs de ouro? Não. Estas brisas, estas rosas, este templo existiram no tempo, o tempo de Safo.

Participamos, a 27 séculos de distância, numa festa religiosa, um singular acto de culto em que o oficiante não é Safo, mas Afrodite. Tudo aqui tem um sentido divino.

Adaptação

Deixa Creta, Afrodite, e vem... Espera-te um santo templo diluído num bosque suave de macieiras e suspeito que cada maçã se converteu num pequeno altar, fragante de incenso.

Vem ouvir a água fria que se esconde por entre os ramos e pisa, não as rosas, mas as suas sombras, que juncam o solo, enquanto das frondes trémulas escorre o sonho.

Na mesa do prado comem cavalos, isolados por altas sebes de flores de Primavera, em que a brisa se acalma, docemente.

Vem depressa, Afrodite, enquanto o dia e as flores não murcham, tecer grinaldas para os teus cabelos de ouro e bebe connosco, em breves e humanas taças, néctar perfumado pelas alegrias da nossa festa.

IV**A Violência de Eros**

Ἔρος δ' ἐτίναξέ μοι
φρένας, ὥς ἄνεμος κατ' ὄρος δρύσιν ἐμπέτων.

(fr. 50 D)

Tradução

Eros sacudiu o meu coração, como um vento que, descendo a montanha, se lança sobre os carvalhos.

Comentário

Jorge de Sena traduziu assim este fragmento:

O amor — súbita brisa
que nas folhas tropeça —
meu coração deixou tremente.

A fúria dominadora do amor de Safo evaporou-se...

Antes recordar Íbico, o poeta romântico do século VI a.C., brilhante continuador de Safo:

"... Para mim o Amor não está adormecido em nenhuma estação, mas, como o trácio Bóreas, ardendo com o relâmpago, precipita-se, às ordens de Cípria, com loucura devastadora, tenebroso e sem peias, sacudindo despoticamente desde a raiz o meu coração."

Adaptação

O abraço violento e impiedoso do amor sufoca o meu coração, como um vento, nascido de súbito no alto da montanha, desce as encostas em fúria crescente e se abate sobre a copa em desmaio dos carvalhos.

V

O Amor e a Guerra

ἐλθόντ' ἐξ ὀράνῳ πορφύριαν περθέμενοι χλάμιν

(fr. 56 D)

Tradução

(Eros,) descendo do céu, coberto de uma clâmide de púrpura....

Comentário

Nem sempre o amor anda associado à guerra. Cito Anacreonte que, também ele, à sua maneira, foi mestre de amor:

"Não gosto de quem, bebendo vinho junto do cráter repleto, fala de discórdias e da guerra cheia de lágrimas, mas de quem, juntando os dons esplendorosos das Musas e de Afrodite, recorda a alegria que ama."

Adaptação

Que vem Eros fazer à Terra, em sua casaca de militar da cor do sangue? Porque é que o Amor precisa de vir ao encontro dos homens, abandonando o Céu? Não é o Céu o lugar exacto do amor? Ou a Terra é o campo de batalha dos amantes, que disputam com o Céu a sua eternidade?

VI**A Mulher Rica e Inculta**

κατθάνοισα δὲ κείσῃ οὐδέ ποτα μναμοσύνα σέθεν
ἔσσετ' οὐδὲ πόθα εἰς ὕστερον· οὐ γὰρ πεδέχῃς βρόδων
τῶν ἐκ Πιερίας, ἀλλ' ἀφάνης κὰν Ἀΐδα δόμῳ
φοιτάσῃς πεδ' ἀμαύρων νεκύων ἐκπεποταμένα.

(fr. 58 D)

Tradução

Morta jazerás e não deixarás memória nem saudade, porque não tiveste parte nas rosas da Piéria. Invisível, errarás na casa de Hades entre os escuros mortos, depois de teres voado daqui.

Comentário

A poesia é um elixir de longa vida e ao tempo da poetisa, uma espécie de sacerdócio, inseparável da virtude. Isto nada tem a ver com a precariedade das coisas, que mudam constantemente de lugar, como se lê num escólio de Píndaro a respeito da riqueza, em que se cita Safo:

"O dinheiro, sem a virtude, não é senão um hóspede incómodo".

Adaptação

Quando morreres, irás despojada para o reino dos mortos, onde entrarás obscura e obscura te diluirás no lago das sombras. Nem o Sol nem a Lua te recordarão sobre a Terra, porque os teus olhos, cegos pelo brilho do ouro, não foram capazes de ver as rosas fulgurantes da poesia.

VII

Reprimenda

(- ~ - ~ ~) τίς δ' ἀγροΐωτις θέλγει νόον

 οὐκ ἐπισταμένα τὰ φράκε' ἔλκην ἐπὶ τῶν σφύρων;

(fr. 61 D)

Tradução

Quem é a rústica que te enfeitiçou...., essa mulher que nem sequer sabe erguer a saia sobre os tornozelos?

Comentário

O poema introduz-nos na atmosfera galante da sociedade de uma ilha, no século VII a.C. Mundo fechado de cores, de perfumes, de gestos requintadamente estudados, de beleza que então era sinónimo de graça, não admira que os deuses frequentassem este ambiente, quase esquecidos do céu donde desciam.

Adaptação

Há coisas incompreensíveis! Como pudeste interessar-te por uma mulher que não sabe tecer uma grinalda de rosas, não conhece o uso que se faz de um lenço e, pior ainda, não sabe levantar a saia de modo a entremostrear os tornozelos?

VIII Sonho

Ὀνοιρε μελαινα[
 φ[ο]ίταις ὅτα τ' ὕπνος[
 γλύκυσ [θ]έος· ἦ δειν' οἶας μ[
 ζὰ χάρις ἔχην τὰν δύναμ[
 ἔλπις δὲ μ' ἔχει μὴ πεδέχη[ν
 μῆδεν μακάρων ἐλ[
 οὐ γάρ κ' εἶον οὕτω[
 ἀθύρματα κάλ[
 γένοιτο δέ μοι[
 τοῖς πάντα[

(fr. 67 D)

Tradução

Ó sonho, tu vens na negra..., quando o sono.... deus de doçura,
 me liberta do peso dos cuidados.... Mas tenho a esperança de não
 participar.... nada.... dos deuses.... pois eu não seria tão.... belos
 adornos.... Seja-me dado....

Comentário

Grande número dos fragmentos de Safo são estátuas truncadas,
 monumentos de palavras que a contigência da tradição manuscrita, ao
 longo dos séculos, separou. Dir-se-ia que o tempo quis que vissem
 melhor as palavras escritas por Safo e, por isso, as isolou, as
 individualizou. O que falta é o sonho de cada um...

Adaptação

Ó sonho, leva-me nos teus braços para longe desta noite amarga.... Um deus visitou-me sob a forma de sono libertador.... A doçura sem peso da memória suspensa.... Não quero ser mais parte de.... Os deuses podem.... Que me interessam os jogos do amor?.... Oxalá eu....

IX Insónia

δέδυκε μὲν ἃ σελάινα καὶ Πληΐαδες, μέσαι δὲ
νύκτες, παρὰ δ' ἔρχετ' ὥρα, ἔγω δὲ μόνα κατεύδω

(fr. 94 D)

Tradução

Pôs-se a Lua, deitaram-se as Pléiades. Está a meio a noite e o tempo passa. E eu sozinha estou deitada.

Comentário

No começo do *Agamémnon* de Ésquilo, um vigia, deitado "como um cão" no telhado do palácio dos Atridas, em Argos, espera um sinal, um sinal de fogo anunciador da queda de Tróia e do regresso do senhor da casa, Agamémnon. Tem sido uma longa espera em que o vigia já decorou o abecedário das estrelas.

Assim Safo. Deitada na sua cama, não vê, mas sabe que a Lua se pôs e as Pléiades apagaram a luz para dormir. Não espera a destruição de uma cidade, mas está talvez à espera de alguém...

Adaptação

Perdi a companhia da Lua e das Pléíades: devem ter adormecido com o cansaço de brilhar. A noite foge, o tempo passa. Sinto-me cada vez mais só, abandonada de tudo, na minha cama solitária.

X Culpa

γλύκη ματερ, οὔτοι δύναμαι κρέκην τὸν ἴστον
πόθῳ δάμεισα παῖδος βραδίῃ δι' Ἀφροδίταν.

(fr. 114 D)

Tradução

Mãe querida, já não tenho força para mover a agulha no bastidor,
ferida como estou de amor por um jovem... e a culpa é de Afrodite.

Comentário

O poema parece ter ecos na canção de Margarida do *Fausto* de Goethe, que inspirou Schubert num Lied inesquecível.

Margarida suspende o seu trabalho no tear para se entregar a um devaneio cheio de amargura: Quem será aquele homem que lhe roubou para sempre a paz?

"Aquela tranquila paz que conheci, perdi-a, perdi-a para sempre. Sem ele a existência é um pesado fardo..."

Em situação idêntica, a personagem de Safo humaniza-se profundamente no diálogo com a mãe. E a sua aflição aumenta porque, na sua fragilidade, defronta Afrodite. Que pode um mortal contra um deus?

Adaptação

Minha Mãe, estou doente: perdi a vontade de trabalhar; esqueci-me do sabor das coisas; fico perdida a olhar não sei o quê... Suspeito que o meu mal tem a ver com um jovem... Afrodite não me devia ter feito isto!

XI Abandono

οἶον τὸ γλυκύμαλον ἐρεύθεται ἄκρῳ ἐπ' ὕσδωι,
ἄκρον ἐπ' ἀκροτάτῳ, λελάθοντο δὲ μαλοδρόπῃς·
οὐ μὰν ἐκλελάθοντ', ἀλλ' οὐκ ἐδύναντ' ἐπίκεσθαι.

(fr. 116 D)

Tradução

Assim como a maçã doce se avermelha no cimo do ramo, a mais alta no mais alto ramo... Esqueceram-se dela os colhedores, mas não, não se esqueceram, é que não puderam chegar lá!

Comentário

Num dos seus poemas, Safo diz que há quem adore ver desfilar um exército de cavalaria, que outros só acorrem a uma luzente parada de infantaria e que muitos ainda só vibram com o espectáculo imponente das naus, embaladas pelas ondas. Ela, porém, entende que a coisa mais bela é a pessoa que se ama. Podia acrescentar que a coisa mais triste é a pessoa que não é amada.

Antes suportar os tormentos infligidos por Eros, o deus que, na definição da poetisa, "enfraquece os membros", "criatura doce-amarga, inescapável".

Adaptação

És como a maçã doce, infinitamente perfumada, que se ruboriza no cimo do mais alto ramo da macieira. Julgam alguns que se esqueceram de ti os colhedores, mas eu sei que não se esqueceram, apenas não puderam chegar lá, maçã doce, abandonada no orgulho da tua solidão e do teu perfume.

XII

Desprezo

οἷαν τὰν ὑάκινθον ἐν ὄρεσι ποίμινες ἄνδρες
πόσσι καταστείβοισι, χάμαι δέ τε πόρφυρον ἄνθος

(fr. 117 D)

Tradução

Qual jacinto que os pastores, nos montes, pisam com os pés e por
terra a flor purpúrea (jaz?)....

Comentário

Uma flor é feita de pétalas e de perfume, e tem a cor que as mãos
conjuntas da terra e do sol amorosamente lhe deram. Assim é a
mulher... Tentem esmagá-la que não conseguem. A cor talvez se
desvaneça, mas pode alguém pisar um perfume?

Adaptação

Alguém te arrancou e te deixou por terra, jacinto, que não nasceste para os pés dos pastores....

XIII Cleide

ἔστι μοι κάλα πάϊς χρυσίοισιν ἀνθέμοισιν
ἐμφέρην ἔχουσα μόρφαν Κλείς ἀγαπάτα,
ἀντὶ τὰς ἑγὼ ὕδὲ Λυδίαν παῖσαν οὐδ' ἐράιναν...

(fr. 152 D)

Tradução

Tenho uma linda filha de aspecto semelhante às flores douradas,
Cleide, a minha querida, que eu não trocaria por toda a Lídia ou pela
amável....

Comentário

Safo ama a sua filha Cleide. Não a troca por nada e para ela deseja tudo. Mas “tudo” à medida do homem. Sonha com o seu casamento nos termos dum epitalâmio que compôs a pensar nela:

"Vamos, carpinteiros, erguei a trave do tecto (Ó Himeneu!), porque na câmara nupcial acaba de entrar o noivo, igual a Ares; mas não, igual a um deus não, antes um homem mais alto do que os outros (Ó Himeneu!), que se erga acima dos outros como o aedo lésbico sobressai entre os concorrentes estrangeiros."

Adaptação

A minha filha é Cleide e é tão bela que só a posso comparar às flores douradas. Nelas, como num espelho, encontro a sua imagem repetida!

Quero-lhe tanto que não trocaria o seu sorriso por todas as riquezas da Lídia ou pelas noites enluaradas de Lesbos.

XIV A Mitra

...]θοῶ· ἃ γάρ με γέιννα[τ(ο)
 ...]ας ἐπ' ἀλικίας μέγ[αν
 κ]όσμον αἷ τις ἔχη φόβα.[
 πορφύρῳ κατελιξαμε[ν-
 ἔμμεναι μάλα τοῦτο.[
 ἀλλ' ἃ ξανθοτέραις ἔχη[ι
 ταῖς κόμαις δάιδος προ[
 σ]τεφάνοισιν ἐπαρτια[
 ἀνθέων ἐριθαλέων·
 μ]ιτράναν δ' ἀρτίῳ κλ[
 ποικίλαν ἀπὸν Σαρδίῳ[ν
 ...]ιονιασπολεῖς

· · · · ·
 σοι δ' ἔγω Κλέι ποικίλαν ·
 οὐκ ἔχω πόθεν ἔσσεται
 μιτράν<αν>· ἀλλὰ τῷ Μυτιληνάῳ

· · · · ·
] [
 παι. α. εἰον ἔχην πο. [
 αἰκξ. η ποικιλασκ... (.) [
 (fr. 98 ab P)

Tradução

Aquela que me gerou (costumava dizer) que, na sua juventude, se considerava um grande ornamento atar as tranças com uma fita de púrpura. Mas, se uma jovem tem cabelos mais amarelos do que um archote, será melhor enfeitá-los com uma coroa vívida de flores. Entretanto a moda agora [são] as mitras variegadas de Sardes...

Para ti, Cleide, não tenho nem sei onde ir buscar uma mitra....

Comentário

Safo tem uma filha, Cleide, que, como as jovens da sua idade, prefere a touca de Sardes, que lhe esconde os cabelos, à delicada associação das flores. São modas! Mas Safo não aprova que se apague a luz de um “archote”...

Adaptação

Contava-me a minha mãe que, na sua juventude, as raparigas gostavam de ligar os seus cabelos com uma fita de púrpura e os seus olhos brilhavam com o delicado ornamento. Hoje, minha filha, sou eu que te digo que aos teus cabelos, mais amarelos do que um archote, fica melhor uma coroa de flores húmidas de luz.

Isto é o que eu penso, mas, com alguma pena minha, tu só me pedes uma mitra de Sardes, insuportável de cores.

XV

Divisão

οὐκ οἶδ' ὅττι θέω· δύο μοι τὰ νοή<μ>ματα

(fr. 45 R-P)

Tradução

Não sei o que fazer: sinto duas almas em mim....

Comentário

“Possa esta noite durar o tempo de duas noites” canta Safo, num fragmento que nos guardou Libânio. Dir-se-ia que a expressão do amor estava gasta já nos primórdios da poesia e que era preciso recorrer a outras fórmulas: duas almas, duas noites, duas vidas...

Adaptação

Como se uma só alma não chegasse para te amar, sinto duas
almas em mim...